



16º Encontro da Rede Nacional de Bibliotecas Públicas

As (novas) missões das bibliotecas públicas - Para que serve uma biblioteca pública, hoje?

8 e 9 de novembro 2023 | Ferreira do Zêzere (Centro Cultural Alfredo Keil)

Sessão de Abertura

*Ex.mo Senhor Diretor-geral da Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas,
Senhor Dr. Silvestre de Almeida Lacerda,*

Cumprimento-o com grande reconhecimento e, na pessoa de V. Ex.ª, à Direção Geral dos Livros, dos Arquivos e das Bibliotecas, e a todos os agentes das bibliotecas públicas que hoje se juntam a nós em Ferreira do Zêzere; bem-haja.

Para que serve uma biblioteca pública, hoje? É a questão que nos convoca nestes 2 dias de sessões de trabalho e de partilha de saberes e de desafios pessoais e institucionais.

Maria Helena da Rocha Pereira situa a primeira biblioteca pública no ano de 38 antes de Cristo, no Átrio da Liberdade, em Roma. Júlio César incumbiu Marco Terêncio Varrão, o mais erudito dos romanos, de construir uma biblioteca aberta a todos, mas só o historiador Asínio Polião, já depois da morte do Imperador, almejou a sua efetiva criação.

Que terão pensado os nossos antepassados romanos, no século I antes de Cristo, sobre a mais-valia da existência de uma biblioteca pública?

Terão pensado que a informação detida pelas bibliotecas – primeiro em argila, em tábuas e papiros e, mais tarde, em manuscritos – deveria ser do conhecimento dos cidadãos mais eruditos?

Terão idealizado que a biblioteca pública seria um espaço de partilha de saberes e de legitimação do conhecimento adquirido?

Terão julgado que a partilha de informação consubstanciaria um reforço da identidade comunitária e do laço social?

Terão sentido que colocar os escritos à vista de todos os protegia de desaparecerem irresponsavelmente?

Terão, porventura, sonhado que a biblioteca viria a tornar-se num espaço de diálogo e exercício da cidadania, um epicentro de criação e promoção cultural e artística, uma plataforma multifatorial, multiusos e multimédia de literacia e desenvolvimento humano?

Não podemos saber. O que sabemos, com toda a certeza, é que hoje estamos aqui. A reconhecer as bibliotecas públicas enquanto plataformas de educação, enquanto recursos para modelar ideias criativas e inovadoras, enquanto centros de de partilha de interesses, de saberes e de afetos.

As bibliotecas mudaram todos os dias desde então. Adaptaram-se. Têm sido incansáveis em procurar novos públicos e manter cativados os seus utilizadores habituais. Modernizaram as suas metodologias de recolha e de catalogação, expandiram o catálogo de interesses do seu acervo, remodelaram os seus espaços físicos, mandaram vir os leitores vídeo, os computadores, os tablets, os brinquedos, os bebés e as suas mães, os pais, os mais novos e os mais velhos; os avós. Os sozinhos. Os esquecidos. Os infelizes. E sentaram-nos à secretária conosco. Todos juntos. Todos os dias.

E mandaram vir também os músicos, os atores, os humoristas, os contadores de histórias. E fizeram das bibliotecas um espaço que ultrapassa largamente o mundo dos livros.

Mas as bibliotecas não têm braços. Nem têm olhos, nem coração. Quem tem coração, e olhos e braços são as pessoas que trabalham nas bibliotecas. Que trabalham para as bibliotecas. Algumas destas pessoas acharam-se, por acaso, numa biblioteca, em algum momento da vida. Outras, pelo contrário, sonharam viver, crescer e morrer no meio de livros. Algumas deixam nas bibliotecas todo o seu empenho e toda a sua vontade. Outras deixam todo o seu amor e toda a sua devoção. Todos um pouco iludidos; todos, porventura, um pouco desiludidos. Mas todos indispensáveis.

Na Biblioteca de Alexandria, a mais famosa de todas as bibliotecas da Antiguidade Clássica, os bibliotecários eram considerados os homens mais capazes de Alexandria. Zenódoto de Éfeso, que era professor do rei, foi o primeiro bibliotecário, e o poeta Calímaco foi o primeiro catalogador geral dos livros. Os maiores gramáticos, os mais respeitados dramaturgos, os mais renomados filólogos e poetas foram escolhidos para bibliotecários do Museu de Alexandria. Não por acaso. Havia a consciência de que o bibliotecário não é um guardador de livros, mas antes um orientador de leituras, e de ideias; um fazedor de literacias, um educador, um exemplo.

Quando hoje discutimos para que servem as bibliotecas públicas, com todos os desafios que a hiper-digitalização da vida quotidiana nos levanta, é mais do que nunca necessário refletirmos sobre as legítimas exigências dos cidadãos-utentes em relação às prestações dos profissionais das bibliotecas.

E conseguirmos construir uma cultura de valorização dos Bibliotecários, Arquivistas e demais Profissionais da Informação e da Documentação enquanto pilar estrutural das

bibliotecas públicas. É necessário que reflitamos, em conjunto, sobre a motivação profissional, sobre a conciliação da vida profissional com a vida pessoal, sobre a dignificação das condições de trabalho, e sobre a capacidade, e a necessidade de querer mais e melhor para as bibliotecas públicas.

Em nome do Município de Ferreira do Zêzere, dou-vos as boas vindas ao nosso concelho, e faço votos de que tenham um encontro proveitoso e feliz. Bem-haja.

Ana Elisabete Ferreira
Câmara Municipal de Ferreira do Zêzere